

MINHA FRAGRÂNCIA INTERIOR



**Um modo de ver e pensar que
coloquei para o papel**

MINHA FRAGRÂNCIA INTERIOR

Um modo de ver e pensar que coloquei para o papel

AMANDA CRISTINA MOREIRA

Portfólio literário desenvolvido para a conclusão da disciplina Escrita Criativa, ministrada pelo professor Márcio Markendorf e oferecida pelo curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Campus Florianópolis.

Dezembro de 2016

SUMÁRIO:

Apresentação	3
O Dia que Me Fez Deixar de Esticar o Braço	5
Não Alimente os Humanos	8
O Dia em que Eu Deixei de Assistir a Filmes de Beijo na Boca e Fui Praticar	11
O Meu Renascer	15
Anos de Tormento	18
O Menino-Monstro	22
O Amuleto da Inocência	24
Auto-Mutilação	27
Alguma Coisa A Ver Com Bruxaria	28
A Fonte dos Preconceitos	30

Apresentação

Confesso que não levo jeito pra coisa, mas bem que gostaria. Um desafio a cada semana foi o que passei no segundo semestre do ano de 2016. Ter que escrever um conto novo me forçava a escrever sobre algo que muitas vezes eu não tinha domínio ou simplesmente não sabia como começar para então a história poder engrenar.

No começo decidi colocar minhas playlist de músicas que me deixam animada-quase sempre elas instigam minha criatividade. Mas na maioria das vezes, não para a escrita. Desisti. Optei por músicas que aumentem a concentração. Tentativa falha. Nas primeiras semanas o que me salvou foi ler o primeiro parágrafo do primeiro capítulo do livro de Stephen Koch, Oficina de Escritores, indicado pelo professor Márcio da disciplina a qual escrevo este portfólio.

Quando o parágrafo já estava na minha cabeça e essa tática não funcionava mais, troquei por horas com a bunda na cadeira, me desligando de todas as redes sociais, com a minha luminária estilo Pixar acesa e com o word aberto. Custava a sair uma frase inicial. Mas quando saía, saía quase o texto todo, menos a parte final. Em praticamente todos os meus textos, o último parágrafo foi deixado de lado para conferir as redes sociais, ainda não sei porquê, mas se não fizesse isso, eu ficaria andando em círculos nas minhas obras.

Muito do que escrevo, tem a ver comigo. Algumas histórias são praticamente eu me colocando no personagem principal, com algumas modificações, é claro. Outras, nada a ver, só do fundo da minha imaginação mesmo. Algumas tendo apenas imagens de coisas que eu levo comigo, fatos, emoções ou objetos. Talvez minhas visões perante algo. Algumas histórias contém minhas experiências, outras a algo que passa na minha mente que eu tentei transformar em imagético. Umas onde está minha causa, minha luta.

Quer queira, quer não, o autor sempre tem um pouco si no seu texto. E comigo não foi diferente. Quero poder escrever melhor. É uma maneira que acho muito válida de me comunicar e, às vezes, até prefiro.

“Só há um jeito de começar: é começar agora. Comece, se preferir, assim que terminar de ler este parágrafo, ou, em todo caso, antes de concluir a leitura deste livro. Não tenho dúvida de que chegará o dia em que você será mais inteligente, ou mais bem informado ou mais habilidoso do que é agora, mas nunca estará mais pronto para começar a escrever do que neste exato instante. Chegou a hora. Você já sabe mais ou menos o que seria uma boa história. Já tem em mente uma situação humana que julga interessante. É o que basta. Comece com qualquer coisa que lhe dê o ímpeto para começar: uma imagem, uma fantasia, uma situação, uma lembrança, um gesto, um grupo de pessoas - qualquer coisa que estimule sua imaginação. O trabalho consiste somente em colocar um pouco disso, ou tudo, em palavras capazes de alcançar e tocar um desconhecido, que você não vê, chamado leitor. Você precisa mergulhar nisso. E precisa fazê-lo agora.” STEP

Oficina de Escritores (Stephen Koch, 2008)

O dia que me fez deixar de esticar o braço

Imagine uma mulher com 1,64 de altura, pesando 85 quilos e com rugas de 55 anos. Agora, imagine ela com um jaleco branco até o joelho, calça jeans branca e com um par de tênis também branco. Coloque ela dentro de um hospital. Mais especificamente fazendo-a entrar e sair de uma salinha com menos de 2x2, com todos - eu disse TODOS- os objetos brancos. A cena daquele lugar era tal qual a claustrofóbica visão do Monte Everest no inverno. Não sei o que era pior: ver aquela sala toda branca ou aquela velha gordona toda vestida de branco. Mesmo assim, acho que meu pai gostava daquela senhora e daquele lugar, porque todo o sábado de manhã ele estava lá. E eu era obrigado a ir junto, mesmo que não gostasse, porque minha mãe trabalhava no sábado e eu não tinha com quem ficar. Ele sempre falava que era por causa do colesterol dele que vivia sempre muito alto, mas eu nunca entendia qual a relação dessas coisas.

Eu morria de medo daquele lugar, daquela senhora, de todo aquele ambiente sufocante. Eu via as pessoas sentadas numas cadeiras (também brancas) esperando para serem chamadas pelo nome e entrar naquela sala. A maioria não tinha medo, mas tinha umas pessoas, a maioria crianças, que chegavam a se espernear para não entrarem lá. E isso me deixava muito curioso e ao mesmo tempo assustado. Embora eu nunca tivesse entrado lá, a expressão daquelas crianças me amedrontava. Mas era um medo que acabava assim que eu saía do hospital.

Teve um sábado que meu pai me acordou e disse que estávamos atrasados para ir ao hospital, então nem deu tempo de tomar café da manhã. Chegando lá, sentamos nas cadeiras, como de costume, e passado uns 15 minutos vem a senhora gordona chamando: -Pedro Henrique Kirchner.

Imediatamente eu olhei assustado para o meu pai, - que estava do meu lado - arregalei os olhos, engoli seco e me segurei na cadeira para não levantar. Nesse momento eu estava chorando internamente, porque não queria demonstrar fraqueza na frente de meu pai e, principalmente, da gordona. Mas meu pai me pegou pelo braço, olhou nos meus olhos e falou que seria tranquilo, que seria só uma picadinha que nem a de mosquito. Meu pai esqueceu que eu sou alérgico a picada de mosquito e esse comentário só me fez ficar com mais medo ainda. Ele me levou até a senhora de branco. Ela até tentou me acalmar um pouco antes de entrar na sala, mas aquela cara dela e aquela roupa... Eu tentava fazer meu pai soltar minha mão para fugir dali, mas não consegui. Ele me fez entrar na salinha. E, realmente, era muito mais claustrofóbica do que eu imaginava. A dona gorda me fez sentar em uma cadeira que tinha lá e me disse para esticar o braço como se eu fosse pegar algo que estivesse lá na frente só que com o cotovelo virado pra baixo. Ela colocou uma corda no meu braço e falou pra eu fechar minha mão com bastante força. Nesse momento meu coração já estava saindo pela boca,

meu corpo estava todo contraído e eu estava tremendo da cabeça aos pés. Eu vi a velha preparando alguma coisa numa bancada. Demorei um pouco para entender o que ela estava fazendo. Quando ela virou pra mim, eu vi que era uma seringa com uma agulha enorme e super grossa. Naquele momento eu dei um berro muito alto. Eu estava



desesperado. Não sabia ao certo o que ia acontecer, mas imaginei que tinha alguma ligação entre meu braço esticado e aquela seringa. Eu comecei a tentar me levantar da cadeira para sair dali. Meu pai estava com olhos de reprovação pra mim. Comecei a me debater. Meu pai me segurou com força para que eu não me levantasse e nem conseguisse me mexer muito. Nisso a senhora rabugenta, para me ajudar, falava:

- Tem que deixar o braço esticado se não vai doer mais.

Que ódio. As pessoas acham que esses comentários acalmam! Fiquei pior. Olhei para o meu braço. Vi minha veia super azul e muito saltada. Comecei a chorar de medo. Nunca tinha visto minha veia daquele jeito, não sabia ao certo o porquê isso tinha acontecido. Estava desesperado. Irritada e já impaciente comigo, a gordona, com uma de suas mãos segurava meu

braço deixando-o esticado e com a outra segurava a seringa que se aproximava de mim. Berrei tudo o que podia. Então fechei os olhos e continuei gritando.

De repente senti algo terrível perfurando aquela minha veia que coincidentemente estava saltada- era muito pior que as picadas de mosquito. Nesse exato momento fiquei sem voz, não conseguindo mais gritar. Fiquei em pânico. Uma mistura de pavor com agonia. Acredito que seja pior que a sensação de um pedaço de vidro cortando a membrana do olho, ou até mesmo tentar enfiar um palito de churrasco pela narina até onde for possível. Ou ainda cortar a pele entre os dedos da mão com uma navalha. Acredito que não tenha sensação pior do que a de uma agulha perfurando sua veia. E mais, sentir algo sendo sugado para fora de seu corpo. Me contorço só de lembrar tudo isso.

Quando depois de um bom tempo - que meu pai insistiu em dizer que foram só 5 segundos- ela tirou aquela agulha enorme do meu braço, eu abri os olhos e vi a quantidade de sangue que ela tinha tirado de mim! Além de assustado, eu não consegui

ter outra reação. Estava intacto e branco. Fiquei com ânsia de vômito, enquanto ela limpava meu braço que tinha respingado sangue pra tudo quanto é lado. Quando meu pai enfim conseguiu me acalmar com suas palavras de compreensão, eu parei de ter ânsia de vômito. Fiquei sentado na cadeira por uns 3 minutos e tentei levantar para ir embora daquele lugar. Quando eu apoio um pé pra poder me levantar, minha visão embaça e tudo fica preto. Escorrego da cadeira, caio no chão e desmaio. Só consegui voltar pra realidade quando eu já estava sentado e a querida mulher que me perfurou estava passando um pano úmido na minha testa e na minha nuca. Quando consegui abrir os olhos, estava meu pai na minha frente com um copo d'água. Bebi e fiquei uns 10 minutos ainda sentado na cadeira que eu tinha sido furado. Ali já estava mais calmo, até porque a mulher havia guardado a seringa e o meu sangue. Quando estava melhor, saí da salinha e todos que estavam nas cadeiras brancas de espera me olharam de um jeito muito assustado. Eu morri de vergonha.

A partir de então, eu não consegui mais esticar completamente meu braço, porque esticar o braço me remetia aquela senhora gordona, conseqüentemente a seringa, coleta de sangue, veia azul e saltada, desespero, agonia, pavor e todos os sentimentos que uma fobia gera. Até meus 20 anos era um sacrifício vivo para eu tirar sangue. E eu tinha que fazer isso pelo menos uma vez por mês para controle da diabetes tipo 1 que tinha sido diagnosticada naquela terrível primeira vez que eu fui tirar sangue. Hoje, eu estou mais acostumado e ficando um pouco menos desesperado, mas ainda sofro.

-E quando o seu filho, que também tem diabetes tipo 1, vai fazer o exame de sangue, como você reage?

-Eu tento ser o mais forte possível, externamente. Consigo tranquilizá-lo e estou conseguindo fazer ele associar que tirar sangue é bom, porque no final do exame ele ganha um pirulito. E ele está começando a gostar de ir ao hospital para tirar sangue. Eu me sinto um pouco constrangido e envergonhado vendo meu filho de 4 anos gostar de fazer exame e eu com 30 ainda ter agonia de fazê-lo.

-Não fique constrangido ou envergonhado, você tem melhorado bastante nesses dois anos que estamos conversando sobre essa sua fobia. E acredito que essa estratégia de fazer seu filho receber uma recompensa por ter ido ao hospital e acabar não sentindo medo vai lhe fazer perder cada vez mais essa sua agonia por tirar sangue.

Amanda Moreira

Certo dia, Bearnardo teve seu pior pesadelo. Ele não conseguia definir muito bem o lugar em que estava, pois não conseguia ver absolutamente nada. Só sabia que o local era grande, mas tinha alguns objetos que impediam-no de caminhar. Inclusive, em um desses objetos que estava no chão, ele acabou topando a pontinhado dedo mindinho que estava latejando e lhe gerando um pouco de dor. Parecia que o próprio local estava sendo transportado para um outro lugar por algum automóvel. Passado um tempo, o balanço para. E as portas desse lugar se abrem na parte de trás. Negro, forte e um tanto peludo, Bearnardo é cutucado com uma vara, pela frente, e assim é empurrado em direção às portas abertas. Assustado e com medo do que poderia acontecer fora do ambiente em que estava, fazia força para continuar ali, mas os cutucões eram tão fortes que não conseguiu permanecer lá: teve que sair pelas portas. Descendo do local que estava, foi para um lugar que também estava escuro - e que ventava muito. Assustado por não saber onde era aquilo, ele fica o mais encolhido possível perto de uma pequena barreira que ele encontrara mas não tinha definido ainda o que era. Como essa barreira só o tampava pela frente e por um dos lados, o chuvisco o alcançava lateralmente. A única coisa que sabia era que o chão era de barro, pois sentia com seus pés descalços, e que tinha alguém próximo a ele. Volta e meia escutava uns roncões e uns barulho de respiração profunda. Nesse momento, não sabia se ficava mais tranquilo por ter alguém junto ou mais assustado. Sendo assim, Bearnardo tentava fazer o menos barulho possível para não ser notado. Seu coração estava disparado, suas mãos suando e seu corpo muito acalorado.

De repente, ele sente como se alguém tivesse o puxando por suas roupas, e nisso, começa a ficar eufórico. No susto, ele acorda doseu pesadelo. De relance percebe um vulto saindo de perto dele, o que o deixa mais aterrorizado. Sua vontade era de gritar pedindo socorro, mas medroso do jeito que era, resolveu ficar encolhido em um canto que achara. Começa a tentar observar ao seu redor e vê muita semelhança com seu pesadelo: ambiente escuro, barulhos de respiração e ronco, chão barroso e frio, muito frio. Além disso, sente um incômodo na sua nuca - como se tivesse algo a mais ali - mas não conseguiu identificar o que era, pois estava fortemente grudado. Encolhido, tentava lembrar o porquê e de como ele havia parado ali. Muitas vezes pensou em fugir, mas tinha a sensação de estar aprisionado, pois tinha umas barras de ferro muito geladas que ele, sem querer, encostou. Então resolveu ficar quieto e sofrer calado até o dia amanhecer para pedir socorro.

O dia começou lentamente a amanhecer e Bearnardo foi se dando conta das coisas que estavam a sua volta, pois já estava mais claro. Ele reconheceu que tinha uma mulher, aproximadamente a dois metros dele, dormindo encostada numa árvore pequena e um tanto robusta. A presença da mulher ali fez com que ele descartasse sua hipótese de ele

estar numa cadeia, pois é proibido homens e mulheres ficarem na mesma cela. Mas confirmou de fato que haviam grades em torno deles. Tentava passar entre o espaço de uma grade e outra, mas seu corpo não cabia. O espaço que as grades cercavam eram muito reduzido - não passava de um círculo com 8m². Percebeu que tinha alguns copos de água espalhados perto deles, no chão. E uns três pratos de arroz com um cheiro um tanto azedo.

Sentou no chão e tentou lembrar porque estava ali. Nisso, observou ao redor e viu que tinha vários lugares semelhantes àquele em que estava, um pouco espalhados. E sim: tinham pessoas dentro deles também. Alguns acordados, outros não. De início ficou receoso em perguntar para os outros o que estava acontecendo, com medo de fazer muito barulho e acordar os demais. Assim, esperou a mulher que estava na cela dele acordar para perguntar à ela. Não demorou muito e a mulher despertou. Bearnardo, um pouco sem jeito, se apresenta e pergunta onde estavam. E ela, gentilmente, respondeu que estão fazendo trabalho voluntário de entretenimento para as famílias, mas que esse voluntariado durava 24h por dia e 7 dias por semana. Ela se chamava Catlin. Ele até tentou perguntar outras coisa para Catlin para entender por que estavam ali e para quê, mas como ela não era tão amigável, Bearnardo acabou desistindo. Quando quase todos das celas já tinham acordado, ele tenta contato com o vizinho de cela. Como seu vizinho também era novo, não soube responder - ele também estava muito assustado. Bearnardo observava algumas pessoas irritadas pelo fato de estarem presas nas outras celas, chegavam até a subir pela grade de metal de tanta raiva. Isso deixava Bearnardo muito mais confuso.



Ele se espantou mesmo quando viu um urso andando solto pelo local e ficou indignado porque ele seria um perigo à sociedade já que não estava preso. Os pensamentos que passavam na cabeça de Bearnardo nesse momento eram: "Onde já se viu deixar animais soltos assim?" e "Parece que eles estão se sentindo os donos do pedaço por aqui, que absurdo". Quando vê o urso se aproximando dele e entregando-lhe um pão, ele tenta negar, mas a sua companheira de cela fala que é melhor ele aceitar se não iria ficar com marcas de chicote assim como as que estavam nas pernas dela. Mesmo não querendo, ele aceitou e acabou comendo. Minutos depois, seu corpo começou a ficar mole e se sentir muito cansado, querendo só ficar sentado.

Bearnardo tenta falar com pessoas de outras celas, mas a distância e seu cansaço, que refletiu até no volume de sua voz, lhe impediram de conseguir falar alto para que os outros o escutassem. Entediado de estar tão parado e não ver nenhum movimento diferente, ele repousa encostado numa barra de ferro da grade. Passado um tempo, ele avista um vulto se movimentando e vindo de longe. Ao se aproximar, ele vai percebendo que é um casal de leões com um filhote que se aproximam de onde ele estava. Com medo do Rei da Selva, ele se afasta da grade. Os leões se aproximam do seu aposento e soltam rugidos que eram impossíveis de uma pessoa entender até mesmo a intenção. O leão se aproxima da cela juntamente com o filhote, que insiste em dar o restante da sua carne fresca para os humanos que ali estavam. O pai acaba deixando. Bearnardo não pega a carne pois ela estava crua. O filhote então começa a cavocar o chão de forma que o barro vá tudo nos humanos - uma lição pra quem não come as migalhas oferecidas. Bearnardo fica com muita raiva, mas não entende porque seu corpo não consegue se livrar da preguiça que sentiu após comer aquele pão. Assim que os leões foram embora, Catlin comenta:

-Até parece que eles não sabem ler o que está escrito na placa. Ao olhar a placa que dizia "NÃO ALIMENTE OS HUMANOS", Bearnardo entendeu tudo o que estava acontecendo - mesmo sem saber como aquilo seria possível.

Amanda Moreira

O Dia em que Eu Deixei de Assistir a Filmes de Beijo na Boca e Fui Praticar

Sete horas da manhã. Acordei escutando meu despertador de cabeceira tocar Si Tú No Estás. Não tenho dúvidas de que é a melhor música para se acordar da forma mais tranquila. Porém, neste dia em específico, acordei um pouco deprê. Até acordei, mas não quis levantar, preferi ficar enrolando na cama e pensando na vida. Não sei se estou triste por ser meu último dia brincando de Barbie ou se fico ansiosa e feliz por faltar só mais um dia para eu fazer 16 anos e de fato virar uma mocinha. Tenho muitas dúvidas se quero virar de fato uma mulher ou continuar sendo uma criança. As garotas da minha escola só pensavam em usar batom e em ficar com o Bruce Willis! Elas colocavam uma minissaia colorida, amarravam a ponta da blusa para aparecer a barriga e usavam melissa. Se preocupavam mais em se mostrar e se fazerem de difíceis para os garotos do colegial do que em estudar. Não vou negar que eu não fazia isso às vezes, mas eu sinto saudades de não me preocupar com a minha aparência e com a minha roupa. Às vezes queria voltar a ser criança e só me preocupar em acordar antes do Xou da Xuxa começar. E depois disso, ficar brincando de Barbie ou de Fofote até o almoço ficar pronto, para logo em seguida ir para a aula. Mas quando eu pensava nessas coisas de crianças, me vinha à cabeça coisas de adulto, que eu também gostava. Assistir ao programa do Jô Soares bem baixinho quando todos da casa já estão dormindo é supimpa. Ver filmes de beijo na boca de madrugada eram muito divertidos e me faziam ter cada vez mais vontade de beijar na boca também. Várias vezes o Paulo do colegial vinha falar comigo enquanto eu estava sozinha, mas eu sempre ficava nervosa e acabava inventando uma desculpa. Minhas amigas eram mais assanhadas, então elas não conseguiam acreditar que eu inventava uma desculpa para não ficar a sós com ele. Todas elas ficavam caidinhas pelo Paulo.

Já era quase oito horas. Minha mãe já estava aos berros me chamando para tomar café, porque oito e quinze eu tinha que estar no salão para cortar o meu cabelo (quis marcar esse horário pra não perder o programa da Xuxa). Levantei, comi algumas bolachas e tomei um copo de Toddy. Ela me levou até lá e disse para a cabeleireira cortar algo mais moderninho, como o mullet, algo assim. Eu tinha uma ideia vaga de como poderia ser esse corte, mas minha mãe mandou, então está mandado. Confesso que enquanto a moça cortava meu cabelo, meu coração se quebrava em mil pedaços. Ao fim do corte, parecia que eu tinha um ninho de passarinho na minha cabeça, mas estava na moda. Então, tentei gostar. Até que ficou legalzinho. Chegando em casa, corri pro sofá e liguei a TV. O Xou da Xuxa já tinha começado.

Passado uns minutos, senti umas dores na bexiga e essas dores aumentavam cada vez mais. Tentei ignorar. Pedi para minha mãe, que estava na cozinha, um remédio para dor. Ela perguntou onde doía e eu mostrei. Deveria ser dor na bexiga mesmo. Quando

voltei para a sala, vi uma tinta vermelha no sofá bege da minha mãe. Nesse instante meu coração disparou, pois eu não lembrava de ter usado canetinha vermelha ou deixado cair batom vermelho no sofá. Mas estava meio úmido. Não sabia o que poderia ser ao certo. Eu só sabia que minha mãe ia brigar se ela visse aquilo ou se eu contasse. Fui correndo até o banheiro, sem fazer barulho, para tentar limpar a mancha com a toalha de rosto úmida. Esfreguei, esfreguei, e parecia que a tinta só se espalhava mais. Fui até o banheiro de novo passar mais água na toalha. Quando estava voltando para a sala vi que tinha pingos de tinta no chão por onde eu tinha passado. E cheguei a conclusão de que era eu quem estava manchando tudo. Olhei se eu estava com machucado no meu corpo, vi se tinha pisado em alguma coisa vermelha, mas nada... Senti aquela dor forte de novo. Pressionei pra dentro onde estava doendo e pumba, caiu mais um pingo vermelho de mim. Me assustei. Coloquei a mão na parte de trás do meu shorts: estava vermelho. Corri pro banheiro, abaixei as o shorts e vi a enorme mancha vermelha que tinha na minha calcinha. Nessa hora eu pensei: pronto, minha mãe misturou minha calcinha com as roupas coloridas. Fui tirar satisfação com ela sobre isso. Expliquei a situação, as manchas no sofá, no chão e fiquei brava porque ela tinha manchado minha calcinha na lavagem. Por um momento, minha mãe me olhou fixa nos olhos e falou com um sorriso: Parabéns, Ketlin, você virou mocinha. Eu não sabia porque minha mãe me deu parabéns faltando um dia pro meu aniversário. Questionei e ela me explicou que eu tinha ficado menstruada e isso me fazia virar mulher. Falou que a tinta vermelha saía do meu corpo sim e eu tinha que usar um tipo de fralda para não sujar minha roupa. Eu achei o cúmulo, mas ela falou que essa era a única alternativa.

Droga. Agora eu não podia mais ficar fazendo coisas de criança, pois já era uma mulher. Adeus, Barbie; adeus, Xou da Xuxa; adeus, Fofolete. A vida não permitiu que eu decidisse se eu queria continuar sendo menina ou ser mulher de uma vez por todas. Guardei todos os meus brinquedos em sacolas escuras dentro do armário do sótão - pra não dar aquela vontadezinha de brincar de novo. Minha mãe falou que a partir desse dia eu deveria ser mulher e fazer coisas maduras de mulher. E essa era uma atitude madura, eu acho. Fiquei pensando... Será que não precisaria mais ver filme de beijo na boca escondida dos meus pais? Fiquei entusiasmada, mas não falei nada. Fui me arrumar para a escola. Coloquei minha legging rosa neon com uma saia florida por cima para disfarçar o fraldão que eu estava usando. Coloquei uma blusa amarela amarrada para aparecer um pouquinho da barriga, assim como minhas amigas faziam, e um all star rosa (que era coisa de mocinha). Coloquei um batom rosinha claro, para disfarçar e me senti um broto, modéstia parte!

Cheguei mais cedo na escola e dei de cara com o Paulo. Senti algo que eu nunca tinha sentido antes. Tive vontade de ter meu primeiro beijo na boca. Mas estava com

medo de não saber o que fazer com a língua - então tentei lembrar e imitar os filmes de beijo que eu via escondida dos meus pais. Ele me disse com uma voz doce:

- Ketlin, você está muito gata.

Fiquei sem jeito.

- Preciso lhe contar uma coisa. Posso encontrar você daqui a cinco minutos embaixo da escada da educação infantil? - perguntou Paulo.

Mesmo nervosa respondi com uma voz mais doce ainda:

- Claro. Já estou indo pra lá.

Estava tremendo da cabeça aos pés. Mas fui. Esperei ele chegar por uns dois minutos. Ele chegou perto de mim, colocou as mãos na minha cintura e falou baixinho no meu ouvido esquerdo:

- Estou gamado em você.

Dei um sorriso de canto de boca, morrendo de vergonha. Ele foi aproximando sua boca do meu rosto. Começou a beijar minha bochecha e foi beijando em direção a boca. Um pouco antes de ele chegar na boca eu só ficava pensando: “já sou mulher”, “já posso beijar como os filmes em que assisto de madrugada”, “sem estresse, Ketlin, fica tranquila, beijo na boca já é coisa de mulher”. Finalmente ele chegou na minha boca e tascou-me um beijo de cinema. Imaginei que estava beijando Bruce Willis ao som de Os Menudos. Foi estranho, mas confesso que foi bom. Saímos de mãos dadas e todos nos olharam curiosos. Algumas meninas com inveja, outras, que eram minhas amigas, felizes. Chegou a hora de entrar na sala de aula. Me despedi de Paulo com um selinho. Não consegui prestar atenção a aula inteira. No fim da tarde, quando as aulas já tinham acabado, tentei me encontrar rapidamente com o Paulo para trocarmos nossos e-mails. Me despedi dele, acenando apenas (pra não me fazer de oferecida) e fui esperar meu pai, que vinha me buscar de carro, na portaria da escola.

Cheguei em casa toda feliz, mas não contei nada do que acontecera para minha mãe. Fui no banheiro e tive que trocar o fraldão, porque estava com um cheiro um pouco desagradável. Jantamos todos juntos na cozinha e depois fui ver um filme de romance no meu quarto. Estava que era uma manteiga derretida. Depois coloquei o CD de Os Menudos para tocar. Eu simplesmente morria de amores por eles e pelas músicas deles. Acabei pegando no sono.

Acordei só no dia do meu aniversário com meu quarto cheio de balões, com um bolo e uma vela de 16 anos em cima dele. No meu quarto estavam meu pai, minha mãe e meu cachorro Billi, todos eles com um chapéu de aniversário. Fiquei muito feliz com a surpresa. Eles cantaram parabéns, eu fiz pedidos, apaguei as velas, abracei os três e meu pai me deu um presente. ERAM DOIS INGRESSOS PARA O SHOW DOS MENUDOS QUE IA TER NO MORUMBI DAQUI DUAS SEMANAS!!! Fiquei feliz da vida! Meu pai disse que eu poderia convidar uma amiguinha para ir junto. Imediatamente pensei em

convidar o Paulo, pois sabia que ele também gostava de Os Menudos e agora ele era meu namorado, então tinha que me acompanhar já que eu tinha 16 anos e já poderia entrar no show sem a supervisão dos meus pais. Foi nesse momento que tive a certeza de que ser adulto é muito mais supimpa do que ser criança. Trocaria mil vezes se fosse possível o Xou da Xuxa pelo d'Os Menudos, o Ken da Barbie por um namorado de verdade feito o Paulo e assistir a filmes de beijos na boca por beijos na boca de verdade.

Eu comi um pedaço de bolo com meus pais e tomei um belo café da manhã com eles. Eu estava tão alegre que eles até estranharam. Mal sabem eles que a razão do meu sorriso é porque encontrei meu príncipe encantado. Depois fiquei um tempo sozinha no meu quarto, deitada na cama e olhando pro teto: só imaginando eu e meu amado. Aqueles olhos, aquele sorriso, aquele lábio gostoso. Aquele estilo, aquele corpo, aquela perfeição. Como eu não tinha notado isso tudo nele antes? Imaginei nós dois contando aos nossos filhos como tínhamos começado a namorar. Já sinto borboletas no estômago só de pensar. Levantei da cama e fui me arrumar para ir à lan house. Precisava mandar um e-mail para o Paulo e contar da novidade, convidando-o para ir no show d'Os Menudos comigo. Agora, era só esperar ele responder por e-mail ou até segunda-feira no colégio. Nessas horas eu penso que poderíamos ter aula nos finais de semana também. Vou morrer de saudades do meu muso até chegar segunda.

Amanda Moreira

O Meu Renascer

Orgulhosa, impulsiva, desonrosa. Características estas que não faziam mais parte do meu ser. O que não fazia sentido pra mim era como depois de eu ser diagnosticada com depressão e síndrome do pânico eu pude deixar pra trás várias características minhas que faziam mal a mim mesmo, além das pessoas que estavam a minha volta. Senti frio, me encolhi mais, embaixo da minha coberta de lã amarela e continuei refletindo na vida, olhando para o teto. Sabe quando alguém conhece a pessoa perfeita e pelo convívio acaba imitando a pessoa sem querer? É, acho que estou apaixonada.

Eu acabei conhecendo-o há dois anos. E posso dizer que me pegou de surpresa. Estava passando por um momento difícil na minha vida e o que eu menos queria era conhecer alguém e me apaixonar. Lembro-me de um dia em que eu havia surtado. Deitei-me na cama e me debatia raivosamente. Gritava de raiva, me esperneava de tanto ódio que não cabia em mim, me auto machucava para tentar diminuir aquela dor psicológica que eu tanto sentia e que aos poucos estava me destruindo.

Uns três dias após esse episódio, Kati, minha amiga que não falava comigo fazia um bom tempo, me chamou no chat do facebook para perguntar como eu estava e falar que havia tido um pesadelo comigo em que eu saía fora de mim e gritava de raiva. E no pesadelo, meus pais me interrogavam acerca da minha decisão sobre qual curso de faculdade escolher. Me espantei. Imediatamente pensei que o universo quis que ela sonhasse exatamente com o que tinha acontecido comigo e com o que martelava minha cabeça há meses. Resolvi contar a ela o que estava acontecendo na esperança de que ela fosse algum tipo de médium e me desse a fórmula secreta. Conteí. Ela me disse algumas palavras de conforto e falou que queria me apresentar um amigo. Como eu não estava em um momento bom pra isso, fui enrolando: “hoje não vai dar, deixa pra semana que vem”, “puts, essa semana também não vai dar, quando eu estiver livre, eu te aviso, aí marcamos”.

O tempo passou, fui tendo alguns surtos, mas num dia qualquer entrei em contato com essa amiga e resolvi marcar de conhecer o cara que ela tanto falava - só pra ela parar de me encher o saco. Já fui avisando que não gostava de lugares muito tumultuados, porque me sentia um peixe fora d'água, mas ela falou que a companhia dele iria valer meus esforços. Refleti. O garoto até que era popularzinho, mas só de ouvir falar, não de as pessoas terem um amizade de verdade com ele. Pelo que algumas pessoas falavam ele era um tanto quanto careta, mas Kati me garantiu que não o era. Marcamos de nos encontrar na Onda Dura, o point da minha cidade - embora eu nunca quisesse ir pra lá e ficava tensa só de pensar que aquele lugar era cheio de gente. Eu era um pouco estranha.

No dia do encontro eu estava super nervosa, mas fui. Chegando no local marcado, fiquei bem curiosa. Aquele lugar tinha paredes coloridas por fora e, na entrada, tinha



várias pessoas para me recepcionar . Por dentro, achei legal, porque uma menina até me deu um abraço bem forte - o que fazia tempo que eu não recebia. Entrei. Paredes pretas, palco com a banda tocando um som e alguns dançarinos movidos por uma coreografia, espalhados pelo palco. Estava super lotado, mas consegui me distrair pois achei aquele

ambiente lindo. As luzes e as fumaças estavam em sincronia com a dança e com a música. Tudo que eu amo.

As pessoas que estavam ao meu redor eram bem diferentes uma das outras, mas não se encrencavam por conta disso: patricinhas, gente de chinelo, estilos diferentes, gente com alargador, com tatuagem, com boné, de chapéu, de orientação sexual diferente, mães com criança no colo, casal de namorados. Quando as músicas tocavam, todos cantavam como se fosse um show. E todos eles aparentavam estar felizes. Era tanta gente pirada, mas gente pirada que era feliz e, pra mim, era isso que importava. Queria eu estar assim como eles. Vim de uma família um pouco conservadora nos quesitos morais, então pra mim foi muito um choque de realidade. Mas eu até que estava curtindo. Porém ainda não tinha achado o garoto que minha amiga marcou o encontro. Escutei alguns burburinhos sobre ele, do grupo de pessoas com tatuagem ali perto de onde eu estava. Parecia que aquele grupo de pessoas eram uns dos poucos que eram realmente amigos do garoto. Tentei escutar, mas não consegui entender muita coisa. Resolvi perguntar.

Eles disseram tudo, menos onde ele estava. E mesmo não tendo a resposta que eu queria, fiquei impressionada com as coisas que falaram sobre ele. Era alguém que se uma pessoa o tratasse com descaso ele responderia com amor, conversava com pessoas que geralmente ninguém dava bola e os escutava, ajudava quem precisasse, seja na forma material ou não, estaria disposto a qualquer coisa para fazer o bem e a justiça. Naquele lugar, pelo que conversei com as pessoas, fui entendendo que aquele amigo era muito mais parceiro do que o que as pessoas que só o conheciam de ouvir falar me diziam - e como eu imaginava.

Quando eu de fato o encontrei, meu coração explodiu de alegria - sentimento que eu não sentia fazia muito tempo. Aos poucos fui conhecendo-o cada vez mais. Ele me fez acabar com todo o misticismo que as pessoas diziam que ele tinha. Parei de tomar como verdades coisas que aconteciam ao acaso, independentemente se você tivesse nascido ou

não. Cada vez mais pude conhecer o coração dele, conseguindo assim diferenciar quando algo vinha dele ou não. Em todo lugar que eu estava, ele ia junto. Em cada sentimento bom ou ruim que eu sentia, ele estaria ali para se alegrar comigo ou me consolar. Se alguém fizesse algo para mim com má fé, ele exigiria justiça, com toda a certeza, embora eu nem percebesse. Me senti protegida. Ao mesmo tempo me senti amada e segura. Isso nos deixou com muita intimidade. E eu, acabava contando t-u-d-o pra ele. Tudo do que eu sentia, tudo o que eu precisava. Como ele estava comigo direto, nós conversávamos direto. Com o passar do tempo fomos ficando muito parecidos, seja nos gostos como nas qualidades, assim como no caráter.

O sol já estava aparecendo mais e refletindo na minha janela e em mim, que ainda estava deitada na cama, olhando para o teto e refletindo na vida. Pensei:

-Hoje sou uma nova pessoa. Mudei pra melhor, mesmo achando que não tinha como eu ser melhor do que já fui.

O choro que era normal assim que eu abrisse meus olhos ao amanhecer, já não existia fazia algumas semanas. As dores psicológicas de vez em quando apareciam, mas já tinham melhorado pouco mais da metade. A única coisa que consegui pensar era: Deus é bom o tempo todo, o tempo todo Deus é bom. Minha depressão e minha síndrome do pânico teriam diminuído de intensidade por conta dele? Sim. Sua amizade me fez confiar plenamente nele, e assim, me deixar sem preocupação nenhuma com as diversas áreas da minha vida. Eu não tinha nenhuma preocupação porque sabia que ele faria tudo para o meu bem, e que ele tinha o controle de todas as situações.

Agora, já posso dizer com convicção que estou apaixonada por ele faz um bom tempo. E estou totalmente entregue. Quando fiz uma bateria de consultas com meus psicólogos e psiquiatras, há dois meses, foi concluído que eu tinha muitas chances de me livrar totalmente dos meus problemas psicológicos - e tudo em muito pouco tempo. E detalhe: sem tomar remédios, nem se quer florais. Quando conversei sobre os resultados com a minha psicóloga, eu só tive uma certeza: a de que Deus não está morto. Pelo contrário, ele está vivíssimo ali comigo. Foi ele quem gerou vida em mim e me transformou completamente. Coloquei um sorriso no rosto e levantei da cama:

-Nada como começar o dia relembrando de quem te gerou vida quando nem você acreditava mais em si mesmo.

Amanda Moreira

Anos de Tormento

Sábado, 28 de setembro de 2013. Acordou às 6:40 como de costume. Sentou na cama e bebeu o café que a mãe deixara preparado numa bandeja em cima do criado

mudo, ao lado de sua cama. Sem fome, não teve vontade de comer todo o misto- quente que também estava na bandeja. Tormento. Estresse. Indecisão. A data das inscrições dos vestibulares já estava quase se encerrando. Mas a dúvida entre qual curso de faculdade escolher já pendurava-se desde o início do ano anterior.

Pensando que ainda era sexta-feira, arrumou sua cama, vestiu uma calça jeans e uma blusa branca básica, colocou as apostilas do cursinho dentro de sua mochila, deixou-a em cima da cama e foi escovar os dentes na sua suíte. Amarrou os cadarços do tênis, pegou sua mochila e foi em direção à porta. Saindo de seu quarto, sentiu uma leve tontura no corredor de sua casa. Tontura essa que foi aumentando cada vez mais e embaçando sua visão, lhe impossibilitando de enxergar claramente. Parou. Foi para o quarto em frente ao seu, que era o mais próximo, para pedir ajuda ao irmão. Suor. Calafrios. Desespero. Queria gritar por ajuda, mas sua voz não saía. Foi, cambaleando, em direção a cama de seu irmão pois sabia que ele tinha meia hora a mais de sono do que ela. Como não conseguia falar, começou a tocar no irmão, chamando-o. Dava umas batidas mais fortes para ver se ele acordava, mas nada. Resolveu puxar o lençol, destampando o rosto dele. Assustada, tampou rápido novamente. Tinha visto ali o objeto que seu irmão mais gostava: uma Canon T5i. Não entendera o que estava acontecendo. Sua visão, que ora embaçava, ora voltava ao normal, enfim conseguiu focar na imagem que estava no seu campo de visão assim que tirara os olhos da cama do irmão. Havia várias câmeras fotográficas espalhadas pelo quarto dele. Câmeras no papel de parede. Câmeras na sua escrivaninha. Câmeras no seu armário de roupas. Câmeras pelo chão. Tripés espalhados, gelatinas amontoadas, algumas softbox montadas, outras desmontadas. Posters de filmes colados sobre os papéis de parede. Sentiu-se sufocada. Em meio a tantos equipamentos utilizados no cinema, a garota tentava sair daquele quarto o mais rápido possível, tomando cuidado para não pisar em nada. Fechou a porta do quarto dele. Sentiu-se aliviada.

Julia não estava entendendo o que estava acontecendo com ela naquele dia. Foi ao quarto da mãe, que deveria estar se arrumando para o trabalho, mas estranhamente estava na cama deitada com o pai da menina, ambos com partes de sua nudez aparecendo cobertos à fora. Sem nem mesmo notar isso, tenta chamar a mãe e vai em direção à ela. Até consegue emitir som, porém, nada que consiga elaborar uma fala. Correu em direção a cama dos pais. Ao vê-los, instintivamente, dá dois passos para trás. Eles estavam usando as máscaras dionisíacas. Seu pai representando a comédia e sua mãe à tragédia. Tentava cutucar a mãe, mas ao mesmo tempo recuava sua mão. Se afastou um pouco e com muito esforço vocal conseguiu gritar:

-Mãe, mãe...mãe!

A mãe começou a se levantar da cama, porém a máscara da tragédia ainda estava nela. Com medo, Julia foi recuando, de costas, em direção a porta do quarto. Quanto mais

ia para trás, mais via quadros de atores, espelhos com luzes em volta - típicos de camarim. Figurinos nos cabides, ao invés de ter as roupas dos pais. Pancakes brancos espalhados sobre a estante de livros. Obras de Stanislavski e Shakespeare espalhadas pelo chão. Saiu rápido do quarto e fechou a porta.

Decidiu sair da casa. Mas antes foi até o quarto da despensa, em que sua cachorrinha Meg dormia, para levá-la junto. Quando entrou lá, naquele cômodo de 4x4 viu aproximadamente 250 cachorros. Entre eles pequenos, grandes, magros, gordos, de raça, vira-latas. Os cachorros estavam todos apertados, mas Julia não desistiu de tentar passar no meio deles a procura de sua pequena Meg. Em cima das estantes estavam as seringas, as bombas de oxigênio, os pijamas cirúrgicos. Na cômoda principal, uma mesa inteira de remédios e anestésicos, juntamente com um estetoscópio rosa e um kit de materiais cirúrgicos. A Meg não aparecia. Escutou sua mãe lhe chamando no corredor. Imediatamente deixou de procurar sua cadela e foi em direção a porta principal da casa, para acabar com aquela cena toda. Quando chega à porta, vê que ela está trancada e a chave que era para estar pendurada na fechadura, não estava. A mãe estava logo atrás, chegando perto da filha. Quando a mãe estava a um só passo dela, o despertador toca.

Era 6:40, hora que Julia acordava. Sentou-se na cama, um pouco suada e respirou fundo até suas mãos pararem de tremer. Bebeu o café que a mãe deixara preparado numa bandeja em cima do criado mudo, que estava do lado de sua cama. Nervosa e consequentemente sem fome, não conseguiu terminar de comer o misto- quente que também estava na bandeja. Tormento. Estresse. Indecisão. Precisava se apurar para ir ao cursinho. Quando lembra do cursinho, automaticamente lembrava que a data das inscrições dos vestibulares já estava quase se encerrando. Mas a dúvida entre qual curso de faculdade escolher já pendurava-se desde o início do ano anterior.

Pensando que ainda era sexta-feira, arrumou sua cama, vestiu uma calça jeans e uma blusa branca básica, colocou as apostilas do cursinho dentro de sua mochila, deixou-a em cima da cama e foi escovar os dentes na sua suíte. Não podia esquecer de procurar algumas canetas marca-texto para levar para à aula. Elas eram importantes para grifar as partes principais dos conteúdos, já que era impossível rever detalhadamente todos os assuntos vistos durante o ensino médio. Amarrou os cadarços do tênis, pegou sua mochila e foi em direção à porta. Tinha a sensação de já ter passado por aquela situação antes, mas continuou, um tanto quanto desconfiada. Colocou os pés para fora do quarto e sentiu uma tontura familiar. Andou mais um pouco. Sua visão estava levemente embaçada. Em frente a porta do quarto do seu irmão, disse para ela mesma:

- Ok, Julia. É só um dejavú. Preciso procurar as canetas marca-texto, são importantes para as aulas de hoje. É só coisa da sua cabeça...

Entrou no quarto do irmão e pensava somente em parar de pensar. Com um olhar baixo, foi até a escrivaninha do irmão procurar as canetas. As cortinas que inicialmente

estavam paradas, começaram a se movimentar com um vento que antes não existia. Coração acelerado. Suas mãos já estavam suando frio. Procurou as canetas em meio às repartições da estante. Achou uma máquina fotográfica. Seu irmão nunca havia guardado-a ali. Estranhou. A luz do abajur ao lado da cama, misteriosamente se apagou. Desistiu de procurar por ali. Saiu rápido daquele quarto.

Para provar para si mesmo que aquilo era bobagem, resolveu quebrar a ordem de cômodos. Foi a despensa. Ao abrir a porta escutou um turbilhão de latidos ao mesmo tempo. Tentou ignorar. Os latidos ficaram cada vez mais altos. Sentiu-se muito incomodada, mas continuou procurando pelas canetas. Afinal, precisava delas. De repente, uma escuridão tomou conta daquele quarto, parecia ser de madrugada de tão escuro que ficou. Suas pernas já estavam tremendo de medo. Tentou procurar rapidamente por Meg, mas a caminha estava vazia. Resolveu pedir dinheiro para sua mãe e comprar pelo menos uma caneta marca-texto pelo caminho, pois se não iria se atrasar para a aula.

Chegando ao quarto dos pais, o silêncio tomou conta. Suas pernas estavam



começando a parar de tremer, quando então quem começa tremer é o chão. Tal como a sensação de quando passa um caminhão na rua da sua casa. Porém, essa sensação não parava. Com essa tremedeira toda, um quadro caiu no chão. No quarto de seus pais havia muitos quadros e fotos penduradas. Mas foi justo o quadro da atriz Fernanda Montenegro que havia caído no chão. E também o único. Como o quadro era de plástico, não fez muito barulho e assim seus pais não haviam acordado. Foi até a

cama. A mãe não estava ali, somente o pai. Achou aquilo muito estranho. Pois sua mãe sempre fazia café para a garota assim que chegava do serviço, às 6h e ia dormir. Já eram quase 7h. Julia suava frio. Uma sensação estranha consumia seu coração e ela já não sabia mais o que pensar. Julia correu para a porta principal da casa. Trancada e sem chave na fechadura da porta. Desespero. Procurou Meg pois não tinha encontrado quando entrara

no quarto da despensa. Foi na sala, no banheiro, na cozinha e nada da Meg. Nada da Meg e nada da sua mãe. Foi até o quarto dos pais. Teve que acordar o pai:

- Pai, cadê a mãe?

O pai, meio dormindo, falou que sua mãe sempre trabalha até mais tarde no sábado. Até umas oito horas mais ou menos. Julia ficou indignada ao saber que não era sexta-feira e que ela teria acordado cedo, se arrumado e passado por tantas sensações ruins só porque precisava encontrar canetas marca-texto para levar à aula que não teria naquele dia. Ficou irritada. E perguntou:

- E a Meg? Procurei ela por tudo e não achei.

- Ta aqui comigo embaixo das cobertas. Deu um barulho de madrugada e ela veio pra cá - disse o pai.

E foi assim que resolvi escrever sobre um momento da minha história que me causou muita dor. Depois disso fiz pelo menos um ano de cada curso e tive algumas experiências em ambas as áreas. Demorou mais três anos para eu conseguir tomar uma decisão convicta. Depois desse fato que escrevi, sofri cada vez mais, porém consegui dar a volta por cima e é isso o que importa. Escrevi esse texto no início da sessão de terapia em grupo e hoje quando o leio novamente, todas as emoções que senti durante aqueles anos voltam a minha mente, porém fui desenvolvendo uma maturidade que me fez olhar pra tudo isso e ver o que de bom isso me trouxe. Hoje sou formada e atuo na área. Talvez vocês estejam se perguntando: “mas em que curso ela se formou?”. Bem, digo a vocês que isso não importa mais. O que vocês precisam saber é que mesmo diante de toda densidade e pressão psicológica que passei, eu consegui dar a volta por cima e hoje me considero uma mulher muito feliz. Pode ser que eu trabalhe com algo que não me chamava a atenção antes, pode ser que eu trabalhe numa coisa que sempre me vinha à mente, mas no âmbito geral, eu sou muito feliz. E é isso que vocês precisam saber para seguir em frente. Vocês serão muito felizes. A faculdade? Ah, é só um mero detalhe da vida, NÃO É a sua vida. Hoje, aquela super importância que eu dava a algum curso de faculdade, já não existe mais. Então, não deixem que seus problemas sejam a sua vida. Independente do problema que vocês estejam passando, tenham fé que isso irá acabar e que, mesmo que agora não pareça, vocês serão muito felizes.

Amanda Moreira

O menino-monstro

Minha mãe sempre me diz:

-Juninho, não saia sozinho de casa sem a minha companhia, a de seu pai ou de seu irmão.

Eu nunca posso sair sem eles para brincar na rua. Caso contrário, um menino-monstro vem atrás de mim para me pegar, segundo minha mãe. Eu já tenho

sete anos e não posso sair sozinho. Eu fico triste porque todos os meus amigos já podem, menos eu. E sinto vergonha na frente deles, mas prefiro ter vergonha do que ser perseguido pelo menino-monstro.

Guaraci é um menino de sete anos que é muito aventureiro e vive na floresta-sua tribo é uma das poucas do país que ainda vive nos modos conservadores. É filho de índios de origem tupi e mora numa aldeia que dista 5km da cidade. O menino possui uma maldição-deficiência que é considerada raríssima entre a tribo tupi. Biologicamente falando, o garoto possui falta de queratina. Culturalmente falando, o garoto precisa comer insetos, unhas de animais, pelos e pele para não ter sua própria pele transfigurada, com rugas e pelancas pelo corpo quando está nos períodos do dia em que não há sol. Por conta disso, seu nome não poderia ter outro significado a não ser “sol”, “verão”. Se, ao sol se pôr, o garoto imediatamente não ingerir tais alimentos, ele fica feroz e faminto, desenvolvendo até instintos selvagens, se tornando um perigo aos que estão a sua volta.

Meu pai me leva toda a quinta-feira a tarde ao parque da pracinha, já que é seu dia de folga no trabalho. Nós ficamos geralmente entre às 14h e às 16h no parque. Eu não deixo meu pai desgrudar de mim, porque tenho medo do menino-monstro.

Guaraci geralmente tem um pouco de barro na cara porque a rede em que ele costuma dormir na aldeia é muito próxima ao chão, então qualquer vento faz levantar poeira. O garoto, que pra sua idade é bastante independente, vai com frequência à cidade. Ou vender as hortaliças que seus pais cultivam ou simplesmente passear e brincar. Ele adora ir no parquinho da praça XV próximo ao local que se vende as hortaliças. E lá, vai no gira-gira, no escorregador, no balanço, na gangorra e também na enorme teia de aranha que tem no centro da praça. Mas sua mãe sempre o alerta para voltar para a aldeia antes do sol se pôr. Um prato de sopa de unhas, pelos, pele e besouros o aguarda todos os dias quando o sol começa a dizer adeus.

O menino Juninho não costuma fazer amizades facilmente. Mas naquela quinta-feira que o pai o leva, ele faz amizade com um menino. Aparentemente, um menino pobre, com algumas sujeiras no rosto, mas que parece ser de bem. O pai de Juninho fica feliz ao ver o filho brincando com o amiguinho novo. Duas quinta-feiras foram suficientes para serem melhores amigos.

Chega terça-feira e Juninho sente saudades do amigo da pracinha. Ele então implora para seu irmão que é mais velho levá-lo até o parque para tentar encontrar seu amigo por lá. Juninho sabe que o menino acaba indo mais vezes para o parque porque seus pais o deixam livre.

Chegando lá, os amigos se encontram, começam a conversar e brincar por bastante tempo juntos. O irmão, que tinha feito esse favor enorme para o caçula, fica entediado de olhar para os meninos brincando. Ele avisa Juninho que vai dar uma olhada nas hortaliças que estão à venda na feira próxima a praça que eles estão brincando. Tudo porque tem uma namorada vegetariana. Juninho, nem dando muito

bola para que o irmão fala, continua a conversar e a brincar com o seu melhor amigo. Brincam na enorme teia de aranha.

Para Juninho, parece que ele havia brincado de montão no parque, mas como seu irmão não chamara ainda, ele continua a brincar na teia com o amigo. Mas seu melhor amigo, acaba enroscando sua perna e seu pé na corda da teia, de forma que ele fique de cabeça para baixo e tenha dificuldades de conseguir desenroscar a perna e descer normalmente do brinquedo. O amigo, nervoso, quer tirar rápido aquele emaranhado de cordas enroscadas do seu corpo, mas como está com pressa, acaba se atrapalhando mais do que ajudando a resolver a situação das cordas. Juninho, preocupado, ao tentar ajudar o amigo, acaba atrapalhando-o mais ainda. O que não entendeu era o motivo da pressa do garoto. Juninho foi pedir ajuda ao irmão.

O sol estava se pondo e Juninho não encontra seu irmão nas redondezas da praça, então resolve ajudar seu amigo sozinho mesmo. Fica um pouco assustado com tamanho nervosismo e pressa do amigo, mas tenta manter a calma e ajudá-lo a sair de lá.

Guaraci começa a ter sua pele desconfigurada, com dobras em várias partes do corpo, rugas na cara, membros e barriga flácidos, veias visíveis pelo pescoço e pela perna, varizes nas pernas e nos pés, bochechas caídas, olhos repuxados e amarelados. Tal qual Benjamin Button três vezes mais velho. Ele sente medo de machucar Juninho, pois quando fica sem seu prato de sopa fica feroz e quer comer tudo o que vê pela frente, como um animal selvagem faminto.

Juninho fica sem reação. Não sabe se corre ou se ajuda seu melhor amigo. Ou será o menino-monstro? Chora e soluça de forma desesperada. Sente nojo e ao mesmo tempo pena por uma incerteza: será ou não aquele garoto o melhor amigo que conhecera? Fica parado. Guaraci está prestes a desenroscar a corda por completo e os dois estão no alto da teia. O irmão não está por perto. Fim de tarde, praça escura, sem muitas pessoas passando por ali. Guaraci desenrosca por completo a perna e chega bem perto de Juninho.

Amanda Moreira

O amuleto da inocência

Uma jovem acadêmica de 19 anos. Morando sozinha na capital, longe dos pais. Um pouco introvertida e bastante recatada. Giulia, caloura de Publicidade e Propaganda, era uma linda jovem negra que havia ingressado na universidade há dois meses. Por sua personalidade, a garota teve dificuldades para fazer amigos na sua turma. Havia apenas uma menina a qual Giulia conversava, talvez por ter a personalidade parecida com a dela,

ou ainda por terem gostos e afinidades semelhantes: Dani. Essa sua amiga já era da cidade, então morava na casa dos pais, que era relativamente longe da universidade. Sendo assim, elas acabavam não se vendo fora da sala de aula. O que fazia Giulia se sentir um pouco só. Numa tentativa de reunir todo o pessoal da sala, o representante de turma convocou uma ida ao bar depois da aula da tarde. Justo nesse dia, Dani não tinha ido à faculdade.

- Eu não bebo, não gosto muito desses ambientes - falou Giulia.

- Deixa de besteira, não precisa beber se quiser, mas vamos lá com a gente curtir, se divertir. Vai ser massa! - exclamou Igor, o representante.

Giulia foi, mas com o sentimento de querer sair de lá logo e voltar correndo pra casa. Não gostava de tumulto, principalmente quando envolvia bebida e cigarro: não suportava aqueles cheiros. Ainda mais misturados. Eca. Ela tentava puxar papo com um, com outro, mas acabava falando algo muito supérfluo. E como ela odiava conversas supérfluas! Como seria melhor se Dani estivesse ali para não deixá-la se sentir mal do jeito que ela estava se sentindo!

Ofereceram-lhe bebida, ela negou. Ofereceram-lhe cigarro, ela negou. Ofereceram-lhe água, ela aceitou. Porém ficou olhando para ver se a água já estava no copo ou se colocariam da garrafa. Colocaram da garrafa. Tomou. Conseguiu desenrolar uma conversa sobre objetos mágicos com o garoto mais popular do curso. Eles estavam conversando inclusive sobre uma pesquisa que dizia que muitos dos objetos que brilham, poderiam ser mágicos. Ficou mega feliz, pois não achava essa conversa nem um pouco supérflua. Começou a se animar. Começou a refletir se ela já tivera visto algum objeto brilhante que poderia ser mágico. Estava alterada. Pediu para o garoto uma bebida. Ele, que sabia que Giulia não bebia, estranhou, mas mesmo assim ficou animado por ela estar-lhe pedindo para beber. Pediu mais uma e outra. Minutos depois, o pessoal da turma da garota começou a formar uma rodinha num canto do bar, inserindo-a junto. Estavam passando uns cigarros de maconha de mão em mão. Giulia achou que seria a hora de experimentar, já que precisava se enturmar com seus novos amigos. Em roda, eles passavam um papel sujo e queimado de mão em mão e quase todos do círculo já tinham dado uma tragada. A próxima era ela. Achou um pouco nojento aquilo tudo, mas iria fazê-lo, só para se enturmar. Deu um trago, dois, três, quatro... Estava totalmente leve e fora de si. Percebeu que tinha exagerado. Se afastou um pouco da galera, para ficar sozinha para ver se voltava ao normal. Por pouco não escorregou e caiu no chão. Estava zonzá.

Com o coração acelerado e sentindo que não estava conseguindo se equilibrar direito começou a ficar com medo do que podia acontecer por ter ingerido tanto álcool e tanta maconha numa tacada só. Sua boca estava seca, sua visão embaçada. Via tudo muito desfocado, mas algo lhe chamara atenção quando olhou para sua roda de amigos.

Giulia tinha visto uma menininha no meio daquela roda. Era uma criança. No bar. Ela não dava na cintura das pessoas e estava olhando fixamente para a Giulia. Ela limpou os olhos e verificou novamente. Era mesmo uma menininha. Essa criança era negra, estava vestindo uma calça jeans e uma camiseta branca básica, com um sapatinho azul. Tinha também um colar azul, mas era um colar com um pingente circular relativamente grande. Ele brilhava. Depois de alguns segundos, Giulia tentou esquecer isso. Precisava tomar água para limpar seu sangue dessas toxinas que havia ingerido. Foi em direção a bancada do bar. Antes de chegar no balcão avistou aquela mesma menininha sentada, de forma comportada, em uma das banquetas do balcão. Olhou para roda de amigos, a menininha estava lá. Olhou para o balcão, ela estava lá de novo. Desistiu de comprar uma água. Cambaleando, foi em direção ao banheiro. Lá estava a menininha esperando para usá-lo. Giulia gritou desesperada. Seus colegas foram socorrê-la e levaram-na para casa, de carro.

Chegando em casa, Giulia foi para o banheiro e depois deitou-se na cama. Olhou para o teto e começou a refletir sobre tudo o que tinha acontecido com ela naquela noite, quando já estava um pouco mais calma. Minutos depois caiu no sono.

Acordou assustada no meio da noite com um pesadelo. Acendeu as luzes e foi pegar um copo d'água na cozinha. Sentou na sua cama. Sem sono. Continuou refletindo sobre o que havia acontecido na noite passada. Aos poucos foi se lembrando das bebidas, da conversa com o menino mais popular do curso, dos objetos mágicos, da rodinha de amigos, das dançadas até o chão, de ter pego mais bebida, de ter dado mole pro barman, das tragadas... Parecia que ela tinha se transformado em outra pessoa. Ela nunca agiria assim. Giulia não sabia como tinha deixado isso acontecer, não se lembra de como isso tinha começado. Lágrimas de arrependimento imediatamente escorreram de seus olhos úmidos. O choro era tão intenso que ao mesmo tempo a garota soluçava e se descabelava de tanta raiva que estava sentindo pelas coisas que tinha feito.

De repente ela enxerga aquela menininha encostada na porta, entre seu quarto e sua cozinha, que dava de frente para a cama. Giulia tentou manter-se calma, respirou fundo três vezes - até porque estava sozinha e estava em casa, não tinha para onde fugir - e ficou olhando a menininha, que estava com um sorriso no rosto - sorriso que ela não tinha antes. Uma mistura de medo e mistério. Giulia não sabia se ainda estava alucinada, consequência das coisas que tinha ingerido, ou se era somente coisa da sua cabeça, da sua imaginação. A garotinha foi se aproximando de Giulia e ela foi notando as semelhanças entre elas. Os cabelos. A pele negra e macia. Os lábios. A cicatriz no braço direito. Porém tinha alguma coisa na menininha que lhe chamara a atenção, mas não sabia direito o que era.

Giulia lembrou da conversa que tivera no bar com o garoto mais popular do curso - que aliás, foi a única parte boa da noite - sobre o brilho de alguns objetos que poderiam

ser mágicos. Olhou para a menina que foi se aproximando, tirando do pescoço um colar azul muito brilhante e dizendo:

- Toma, isso vai te fazer melhor.

Giulia ainda com um pouco de receio, segurou o objeto na mão, observou-o e logo o colocou no pescoço. Ao ver essa cena, a criança ficou ainda mais feliz. Giulia olhou-se no espelho e sentiu uma imensa leveza interior. Parecia que aquela noite ruim tinha sido apagada de sua memória e sua consciência estava mais tranquila. Sem fiasco, menina recatada. Agora poderia ter sua inocência de criança de volta.



Amanda Moreira

Auto-Mutilação

Quando acordou, os cortes ainda estavam lá.



Amanda Moreira

Alguma coisa a ver com bruxaria

Ninguém estranhou quando os adolescentes começaram a pular da ponte. No começo eram um ou dois por dia, mais tarde dez, quinze. Aos poucos, assistir suicídios virou o programa favorito de alguns aposentados sentados em suas cadeirinhas de praia no fim da tarde.

Apesar da epidemia de suicídios, a rotina permanecia. A soberania do comer, dormir, acordar e trabalhar. De novo e de novo tudo permanecia normal. Assim como o analgésico que alivia a dor. Foi uma cirurgia sem dor. A anestesia tomou conta da percepção. Amputavam as vontades. Amputavam os sonhos. Amputavam a vida.

Ninguém estranhou quando as pontes caíram e a ilha ficou isolada do continente. Todas as pessoas que estavam lá, ficaram lá mesmo. Até quem era do continente. Não havia luz e comunicação, pois tudo chegava por cabos que estavam na ponte. Não notaram, mas igualmente não havia internet.

Alguns automóveis prestes a cruzá-las deram meia volta, os que nelas estavam continuaram por uma rota aquática para sei lá onde, ninguém se pôs a resgatá-los. Outros carros, menos ousados, permaneceram em frente às ruínas, o novo cartão-postal da cidade.

Às vinte horas, quando estava acabando, o jornal anunciou, sem profundidade alguma de contexto, sem interesse, tampouco delonga alguma: as pontes caíram. Típico de uma cidade que com tanta gente, essa gente toda, que facilmente olha, mas não vê, desprezaria umas pontes caídas por aí.

Os ambulantes entraram em sistema de revezamento: os vendedores de churros compravam amendoim, os de amendoim compravam queijo coalho, os de queijo coalho alugavam cadeiras e os locadores das cadeiras compravam churros. Traficantes tentavam passar cocaína por farinha, beach clubs transformavam-se em galerias de arte, onde eram expostos brincos de pena e imãs de geladeira das falecidas pontes. Instaurou-se, assim, o gulag turístico.

As mercadorias outrora vindas de fora, começaram a ser produzidas na ilha, e logo havia uma fábrica em cada esquina. As pessoas só falavam com quem também estava na ilha e, em algum tempo qualquer, já se comunicavam em um novo idioma. A história foi sendo esquecida, e apenas o que aconteceu na ilha permaneceu.

Mas, mesmo assim, ninguém estranhou quando os carros pararam. Ninguém estranhou quando os sons sumiram. Ninguém estranhou quando o vento não bateu. Ninguém estranhou quando as facas não cortaram, as cortinas não mexeram e a luz não se fez luz. Ninguém estranhou quando os celulares não tocaram. João. João estranhou. Tentou ligar para o continente, e não conseguiu. Gritar e não saiu. Nadar e a água não deixou. Morrer e o tiro não entrou. Andar, andou. Tentar, também. João decidiu comer bolachas de água e sal com requeijão e ler os livros que gostaria de ler.

Não foi diferente com Antônio. Via de seu apartamento, todas manhãs, os carros que continuavam parados, esperando sua vez de cair na água. Ia agora para o trabalho a pé e não se preocupava em passar no mercado. A comida acabara mês passado. No

trabalho, não se preocupava em levantar de sua mesa para ir até a cafeteira. O café acabara. A vida perdera o sentido.

Os habitantes da ilha, apesar disso, comemoraram por não precisar mais ter contato com o continente. Agora eram uma nação independente. Não precisavam mais ter que obedecer ordens de outros que nem ilhados estavam, teriam suas próprias regras, sua própria cultura e, ainda, poderiam gerar uma nova espécie, a sua nova espécie.

Chegaram a orquestrar toda uma inauguração da Independência: imprensa posta, marchinha das crianças da cidade, hasteamento da nova bandeira. Pum pum pum. Adeus, Continente e o Inferno. Assim se desataram os ilhéus, felizes, do continente. Quando longe, já bem longe, na entrada do profundo oceano Atlântico, o governante eleito da cidade percebeu que, na verdade, a ilha estava indo em direção a África. Pânico geral, meu Deus. Exasperados com a saída, esqueceram-se do trajeto. Rapidamente os pescadores da ilha se colocaram ao norte, lançaram suas redes em busca de cardumes que os pudessem levar nessa direção. Ao sul, todos os surfistas fazendo altas manobras de maneira que a água fizesse ondas, empurrando a ilha ao norte. Tudo televisionado, é claro. Estavam aliviados. Ultrapassaram o Equador e o Câncer. Queriam chegar na Europa, esse era o sonho. Estava perto a Europa, meu amor. Chegando, na costa da Grã-Bretanha, todos festejavam. Mas tudo acabou com uma declaração que dinamitou o otimismo: “Não aceitamos estrangeiros”, disseram os ingleses, “mas aceitamos as tainhas”.

Ninguém percebeu quando a comida acabou e começaram a morrer de fome. Nem João, lendo seus livros, percebeu. Sem café há alguns anos, Antônio nem se importou.

E quando todos, finalmente, morreram, ninguém enterrou.

Autores: Amanda Cristina Moreira, Arthur Caldas de Oliveira, Caio Martins Jory, Fernanda Andrade Fachin, Helena Paula Zanin, Leonardo dos Santos Pinheiro, Mateus Mendes Gigante, Mateus Mossmann Trindade, Mayron Moreira Campos de Oliveira e Claudia Resem.

A FONTE DOS PRECONCEITOS

CENA 1 EXT. CIDADE DE INTERIOR- PRAÇA CENTRAL - DIA

A praça da cidade é relativamente grande, tem um formato circular, é de lajotas cinzas, bem arborizada e possui alguns bancos de ferro branco espalhados ao redor. No centro da praça há uma "piscina" redonda de cimento ainda sem água, no meio dela, uma superfície plana, própria para se colocar uma fonte, que ainda não está lá.

Um caminhão de carga está no canto direito da cena, aos fundos, com a parte traseira aberta, com quatro trabalhadores carregando, nos braços, a enorme fonte que ficará no centro da praça. Eles estão à três metros da piscina. O PREFEITO DA CIDADE, 56 anos, cabelos grisalhos, engravatado, com postura ereta, bem educado, financiador da fonte, está na esquerda alta da cena, ao mesmo tempo, no telefone e dando ordens aos carregadores.

PREFEITO

(Apontando o dedo em direção ao centro da piscina e falando num tom alto)

- Coloquem-na bem no centro.

(falando ao telefone, num tom normal da voz)

- Ah, eu garanto que essa fonte vai ser a atração da cidade, meu amigo.

(falando para os trabalhadores)

-Ela é de Nova Orleans, tomem cuidado.

FADE OUT

CENA 2. EXT. PRAÇA CENTRAL - DIA/TARDE

Ambiente ensolarado, crianças de 3 a 6 anos correndo e brincando pela meio da praça, mães sentadas nos bancos que estão em torno do círculo que forma a praça. Algumas crianças olham a fonte admiradas, outras, colocam a mão na água e ficam brincando de fazer ondas.

Uma MÃE, 27 anos, com um vestido tubinho vermelho até o joelho, de salto alto, óculos escuros, bolsa de couro da Louis Vuitton,

com jóias douradas pelo pescoço, pelas orelhas e pulso, está um pouco braba e vai em direção ao seu filho que está brincando de fazer ondas na fonte.

MÃE

(impaciente e braba)

-Saia já daí, Samuel. Você vai cair na água e se afogar, desse jeito.

O garotinho se afasta, porém a mãe permanece ao lado da fonte e começa a admirá-la, até que vê sua imagem na água. Ela fica paralisada olhando sua imagem, que começa a sofrer modificações no espelho d'água. Fica assustada, mas permanece olhando, curiosa. Sua imagem refletida fica desconfigurada: fica de cara limpa, sem maquiagem e com olheiras aparentes, cabelos penteados porém armados, seu vestido fino se transforma num vestido de malha simples com alguns pequenos furos e com uma cor "vermelho desbotado", com algumas manchas brancas de água sanitária. A parte superior da bolsa, parte que aparece na imagem, se torna um material fajuto e possui alguns rasgos. Quando ela percebe que sua imagem está mudando, ela imediatamente tenta parar de olhar, mas não consegue. Ela faz força para sair, mas há uma força maior que a deixa paralisada.

MÃE

(fala para si mesma baixinho e quase choramingando)

-É só minha imaginação, é só minha imaginação.

Quando finalmente a força que a segurava paralisada na fonte acaba, ela sai de perto da fonte cambaleando um pouco. Ainda assustada, pega um espelho na sua bolsa e confere se é verdade ou se era só sua imaginação. As pessoas que estão a volta riem e caçoam discretamente. Quando percebe que é verdade, a mãe, confusa, pega seu filho pelo braço, que estranha um pouco e fica assustado, mas não chora, e vai em direção ao carro que está na rua ao lado.

CENA 3 EXT. RUA AO LADO DA PRAÇA - DIA/TARDE

Alguns carros estão estacionados na rua que é bem arborizada e asfaltada. A rua está deserta. Ao fundo aparece a mãe,

apressada, puxando o filho pelo braço. Agora a criança, que tem 4 anos, está chorando. A mãe abre o carro, coloca a criança na cadeirinha no banco traseiro e senta no banco da frente. Seu rosto está inchado e ela está chorando também, porém discretamente. Tenta esconder o choro, mas a criança percebe e chora mais. A mãe se olha pelo retrovisor dianteiro e chora não se importando em escondê-lo. Pega o celular e liga para um contato. Coloca o celular próximo ao ouvido e enquanto espera atender chora se olhando no espelho retrovisor do carro.

FADE OUT

CENA 4 INT. DENTRO DO CARRO - DIA/TARDE

MÃE

(desesperada)

-Amor, preciso que você venha pra cá agora.

FADE OUT

CENA 5 EXT. PRAÇA CENTRAL - DIA/TARDE

Um **HOMEM**, branco, 25 anos, com lisos cabelos curtos e loiros, com calção azul marinho de corrida e camiseta branca que está correndo para em um dos bancos da praça, senta e bebe o restante de água que tem na sua garrafa. Ainda com sede, ele vai em direção a fonte para encher sua garrafinha. Rapidamente fica admirado com a beleza da fonte e se agacha para encher sua garrafa. Nisso vê sua imagem refletida na água. Faz pose, discretamente, e estranha ao perceber que sua imagem está se tornando mais escura. Faz força para ver se o sol já está indo embora, mas não consegue, porque ficou intacto. Sua garrafa já está cheia, porém ele não consegue tirá-la d'água. Seus cabelos começam a ficar crespos e negros, na forma de black power. Sua pele, a partir da cabeça e indo em direção ao restante do corpo, começa a enegrecer completamente. Quando finalmente a força que o paralisa acaba, ele imediatamente olha para suas mãos.

HOMEM BRANCO

(enojado e não acreditando, com os olhos arregalados)

- Não acredito! Que merda é essa?

(pega nos cabelos, assustado, fala pra si mesmo)
- Que merda é essa???
(saíndo de cena, irônico)
-Será que essa água estava tão suja assim? (com
pressa, sai da praça)

Um MENINO, de 5 anos, com camisa vermelha e bermuda jeans, sapeca, que está olhando toda a cena, dá algumas risadas baixinhas e se diverte. Ele se olha na água, vê sua imagem, fica ansioso esperando algo acontecer, mas nada. Chama seu PAI, 30 anos, com uma bermuda larga e camiseta larga no corpo e apertada nos braços, bastante alto, magro, musculoso, está segurando em uma mão sua garrafa de shake e em outra está segurando um jornal, o qual está lendo, bem focado, sem prestar muita atenção no que está acontecendo a sua volta. Está sentado em um dos bancos brancos que ficam no entorno da praça.

MENINO

(chamando alto)
-PAAAAAIAIAIAIAI! PAI! PAAAAI, VEM CÁ VER O
PEIXINHO!

PAI

(distraído)
-Ah... Oi filho, já estou indo.

O pai chega próximo ao filho.

MENINO

(animado)
-Olha ali o peixinho!

PAI

(não encontrando o peixe)
-Onde filho?

FILHO

(inocente)
-Ali, ó...

O pai paralisa ao ver sua imagem na água enquanto procura o peixe. O menino dá gargalhadas baixinhas. O rosto do pai começa

a ficar com bochechas caídas, e o pescoço, com um papo avantajado. Os bíceps malhados vão se transformando em gorduras caídas. A blusa que estava larga começa a ficar esticada. As gorduras abdominais começam a sair blusa à fora. A força que segura o pai paralisado acaba. Ele se sente mais pesado. Começa a olhar para sua roupa que está apertada. O papo grande lhe incomoda. O filho dá risadas. O pai brabo, dá bronca no filho:

PAI

(irritado)

- O que é que você fez, garoto? Que brincadeira de mau gosto é essa? (solta o jornal e o shake no chão, se agacha na frente do filho e aponta o dedo para ele) Eu acho melhor você acabar com essa brincadeira logo se não você vai ficar de castigo o ano inteiro.

O menino começa a chorar, sem entender. Esperançoso, o pai tenta se olhar novamente na água. Mas nada acontece. Faz força e pega o filho no colo. Ajunta o jornal e o shake do chão. O filho quase cai. O pai então arruma-o no seu colo e vai em direção a casa.

CENA 6 INT. ESCRITÓRIO DO PREFEITO - TARDE/NOITE

O prefeito está sentado à sua mesa, que está a frente da janela de vidro que dá para o centro da cidade. O celular do prefeito está no canto esquerdo da mesa e não para de vibrar. O prefeito está sentado na sua cadeira, irritado. A SECRETÁRIA, mulher de 30 anos, alta, saia tubinho branca até o joelho, blusa vermelha, paciente, educada, entra na sala dele.

SECRETÁRIA

(estressada, porém contida e educada)

- Senhor prefeito, o telefone não para de tocar referente as reclamações da nova fonte da praça central. Já mandei servidores para verificar qual o problema, mas eles não conseguiram descobrir qual o real motivo. (debochando) As pessoas insistem em dizer que a fonte é mágica. (séria) Enfim, o motivo ainda é uma icógnita,

o que o senhor deseja que eu faça em relação a isso?

PREFEITO

(estressado e brabo)

-Não aguento mais essas ligações! A população não se contenta com nada que o governo quer proporcionar para melhorar a qualidade de vida deles... (irritado) JÁ ESTOU DE SACO CHEIO!

SECRETÁRIA

(preocupada com o prefeito)

-Calma, senhor prefeito. Nós vamos dar um jeito nisso (acanhada e pró-ativa vai até a mesa de café, mas continua olhando para o prefeito) Aceita uma xícara de café, senhor prefeito?

PREFEITO

(seco)

-Não quero. Eu mesmo vou até lá ver que palhaçada é essa.

Prefeito vai em direção a porta.

SECRETÁRIA

(ameaça ir atrás dele)

Espera, senhor prefeito...

Ele bate a porta e sai.

FADE OUT

CENA 7 EXT. PRAÇA CENTRAL - NOITE

A praça está tumultuada. Há burburinho por todos os cantos. A fonte está interditada com faixas amarela e pretas cercando-a. Os servidores estão espalhados pela praça para manter a calma da população. O carro da polícia está estacionado poucos metros da fonte com a sirene ligada e os policiais estão ajudando a acalmar a população ao entorno da fonte. A imprensa também está presente, filmando e fazendo uma matéria para o jornal. Uma MOÇA, de 20 anos, calça jeans e blusa branca, atenciosa, delicada, abraça e consola um HOMEM ASIÁTICO, de 23 anos, cabelo curto e preto, de calça marrom, camisa xadrez, óculos

retangular, com olhos bem puxados, que chora desesperançoso, próximo a faixa. O prefeito chega a praça e vai direto na fonte, nervoso. Resmunga. Ultrapassa a faixa amarela e se olha no espelho d'água, ficando paralisado por alguns segundos. As pessoas, ansiosas e tensas, esperam ele voltar a si. Quando ele começa a se mexer novamente, as pessoas estranham e começam novamente os burburinhos. A imprensa registra tudo.

IMPRENSA

-Então, senhor prefeito, o senhor confirma que a população estava equivocada quanto a fonte ser "mágica/amaldiçoada"?

PREFEITO

(orgulhoso, para a câmera da imprensa)

-Confirmando (brabo, saindo de cena e falando para as pessoas que estão a volta) Viram. Nada aconteceu. O governo colocou a fonte na praça central da cidade para vocês e muitos ainda vem reclamando por conta disso... Até parece que vocês querem que o governo corte gastos com coisas que melhoram a qualidade de vida da população.

Pessoas indignadas por nada ter acontecido com o prefeito. As pessoas estão alvoroçadas, murmuram e falam que a fonte deve ser retirada. Algumas pessoas confusas, sem entender a situação.

FADE OUT

CENA 8 INT. CASA DO PREFEITO - QUARTO DO PREFEITO - NOITE

O quarto do prefeito está com as luzes apagadas e está tocando uma música romântica ao fundo. O prefeito e sua esposa estão na cama, podendo visualizar na cena somente os movimentos do lençol com o casal tentando ter uma relação sexual. Estão seminus e encobertos por lençóis. Suspiro de sua esposa braba. O lençol mexe-se mais um pouco. Outro suspiro da esposa, que está mais braba ainda, além de estar impaciente também. O prefeito senta na cama de forma que as pernas fiquem para dentro do lençol e ele fique encostado na cabeceira da cama. Abraça carinhosamente a esposa, que fica em seu colo.

PREFEITO

(se sentindo impotente e triste)

- Desculpa, meu amor, mas hoje não vai dar. Não sei se é por conta do estresse todo que passei hoje, mas não estou conseguindo me concentrar, não sei. Não estou conseguindo sentir atração, entende? (decepcionado) O problema não é você, sou eu. Parece que aquela fonte me levou embora todo o desejo que eu tinha por você.

FADE OUT

FIM.